

## Vinciane Despret comenta as apresentações de Henrique Cukierman e Solange Jobim<sup>1</sup>

**Vinciane Despret:** Primeiramente, obrigada por esta cativante apresentação. Além disso, achei esta manhã não só extremamente coerente - cheguei a pensar que vocês a tinham preparado juntos - podemos lançar esse boato - como também estou muito feliz que seja a última manhã, pois há muitas coisas que retornam das apresentações anteriores e que tomam outro sentido e, diria mesmo, outra densidade. Em primeiro lugar, algo que me tocou, na apresentação do Henrique - que foi talvez a apresentação mais técnica, com coisas muito duras e objetos que é preciso tornar cabeludos, pois os engenheiros os deixaram carecas - foi o fato de que ele termina a sua apresentação se perguntando de que forma isso é importante para nós. No que é que isso nos importa? Ele abre vias e diz “é importante!”. E nem sempre pensamos, nas nossas apresentações, em dizer por que as coisas são importantes, mas é aí que assumimos riscos e nos comprometemos.

Há um vínculo que gostaria de tecer com relação ao que extraí da apresentação da Solange, fazendo uma articulação entre a apresentação do Henrique e da Solange. Eu vou fazer uma repetição, mas ela é proposital: quando o Henrique mostra a dimensão sociotécnica dos dispositivos sociotécnicos é porque existe a necessidade de insistir neste aspecto. Tenho a sensação de que aquilo que tiro da apresentação da Solange e que, de certa maneira, constitui uma dimensão totalmente articulada nas duas apresentações, é o fato de que a técnica socializa os dispositivos, o que seria, de certa forma, uma aplicação do que propõe o Henrique. Onde ele mostra que é preciso socializar as técnicas, Solange vai mostrar que a técnica socializa os dispositivos. Portanto, há um movimento de vai e vem entre os dois. Partimos das técnicas para ir em direção ao social e, em seguida, vemos o técnico que fabrica o social e que, longe de esvaziar o social, o povoa ainda mais. De certa forma se pode dizer que o Henrique confere densidade, situa a técnica, ou seja, faz dela um ator situado - foi por isso que pedi a você<sup>2</sup> para fazer a tradução, pois há aqui um jogo de palavras - fazendo, portanto, desse objeto sociotécnico um ator ao mesmo tempo co-situado, numa ação ‘co-situante’ e constituinte. Constituinte dele mesmo, como objeto sociotécnico, e da situação. E aí eu

reencontro a noção de meio (*milieu*)<sup>3</sup> que me interessa tanto. Eu falei de meio há pouco, dizendo que era, para mim, uma questão muito importante, e tenho um sentimento muito egocêntrico de que vocês dois foram convidados para me ajudar. Pois o Henrique mostra o que comecei a perceber na Solange, mas de forma exemplar e que responde em parte ao meu problema, pois um objeto constitui o seu meio na mesma medida em que é constituído por ele.

Algo que também me interessou é que, para compreender o meio, podemos partir do fracasso. No começo da sua apresentação, Henrique mostra que o fracasso - também considero o acidente como um fracasso - revela a permeabilidade das fronteiras entre o social e o técnico. Mas na segunda parte de sua apresentação, o fracasso - refiro-me agora ao fracasso da implantação de um software em um banco brasileiro, um acidente burocrático por excelência - em verdade revela também o meio e como ele é constituído. Um detalhe do meio se associa com a ausência, com a ausência do software, do efeito da assinatura. Uma assinatura não é suficiente.

Agora os verei, sem dúvida, franzir as sobrancelhas, pois vou partir para uma história extravagante. Há alguns meses, li um artigo e, de início, lia esse artigo sem nenhum interesse. Na verdade, estava gripada e, como estava gripada, peguei os artigos mais aborrecedores de se ler, porque assim sabia que não me levantaria da cama para tomar notas. E me deparei com uma passagem - e me conto a ressurreição de Lázaro<sup>4</sup> - pois essa pequena passagem, eu não sei bem porque, me parecia uma resposta à questão do meio. Tratava-se de um antropólogo que foi trabalhar em vilarejos romenos e fez uma pergunta muito estranha. Foi a pergunta dele que me interpelou. Ele perguntou aos idosos do vilarejo porque não existiam mais vampiros, enquanto que, geralmente, os antropólogos perguntam por que é que existem vampiros. Sabemos bem que os antropólogos não acreditam em vampiros. Assim, no momento em que fazem a pergunta, vão sabotar a resposta, pois não vão acreditar no que as pessoas disserem. Vão transformar a resposta num problema de

3 Aqui podemos localizar um sofisticado jogo de palavras: *milieu* como ‘meio’, de meio ambiente, e *milieu* como meio, no sentido *Deleuze-guattariano* de platô.

4 Provavelmente referindo-se ao fato de ter “ressuscitado” de seu estado gripal com o insight que a leitura do artigo lhe produziu.

1 Ajustes feitos pelos autores das mesas. Revisão técnica: Maria de Fatima Aranha de Queiroz e Melo.

2 Vinciane Despret se refere à participante do Colóquio que estava sentada ao seu lado, fazendo a tradução de sua fala.

representação, vão fazer disso uma questão simbólica. Em resumo, como diria Philippe Descola, vão se proteger da loucura dos outros. Fazer a pergunta ao contrário é completamente diferente, porque, se você pergunta “porque não existem mais vampiros?”, não se pode dizer que não acredita neles. E você não poderá dar peso demais ao meio, vai poder acompanhar todos os atores, sem abandonar nenhum, sem abandonar nenhuma trajetória. Será que os idosos respondiam? É extremamente interessante. Tão interessante, que a densidade descritiva fazia com que o antropólogo não analisasse o que era dito. Ele se contentava em multiplicar as condições que haviam feito desaparecer os vampiros. E nessas condições um idoso disse, por exemplo: “Foi depois que instalaram a eletricidade. Talvez seja a luz, talvez sejam as ondas elétricas”. Outro disse: “É porque, como hoje em dia as pessoas se comportam como os vampiros, então eles não querem mais vir. Elas falam palavrão, são grosseiras e bebem”. Então, a segunda resposta, dizia um idoso, foi que hoje as pessoas se comportam como vampiros, pois elas bebem, elas falam palavrão, elas são violentas e, assim, os vampiros não querem mais vir. Essas não são explicações. Trata-se de povoar um meio. Podemos racionalizar, podemos dizer que, desde a chegada da eletricidade, as pessoas não têm mais inquietações e que, talvez, a iluminação pública tenha diminuído a imaginação das pessoas, que a iluminação pública enfraqueceu o seu imaginário. Mas sabemos bem que isso é uma racionalização e que ela será obrigada a coexistir com outras. Assim, me parece que nesta manhã nós realmente aprendemos a povoar um meio. Penso que as duas apresentações responderam a algumas de minhas perguntas, a saber: devo aprender a buscar a densidade do meio e, em segundo lugar, devo sempre pensar que, se o meio constitui o objeto, tenho que atribuir ao objeto o mesmo poder inventivo que o meio possui. Assim, eu estaria nas condições de um bom meio, no sentido de Deleuze e no sentido que darei a ele.

Agora gostaria de tecer outro vínculo com o que se passou nas apresentações [anteriores] sobre a narratividade. Nós falamos muitas vezes a respeito da narratividade, mas como foi a Ana Cláudia que fechou as apresentações sobre a narratividade, sendo a última a falar, e que foi, portanto, ela que me permitiu reunir tudo o que eu aprendi sobre a narratividade, vai ser a partir da apresentação dela que vou fazer essa articulação, mas sabendo que as outras apresentações estão nessa apresentação [da Ana Cláudia]. Ontem, eu dizia que a história que ela tinha contado era um número de fios que estavam por construir e negociar com os destinatários. Eu lembro, então, o que o Henrique disse que conteúdo e contexto se tornavam

indetermináveis, uma vez que ela desempenhava na sua própria narrativa aquilo que dizia da narratividade. E pensei hoje que nós estamos em uma tradição oral. Retomo o que ouvi essa manhã, que é ao falar que nós pensamos. Às vezes, o pensamento vem depois da palavra, o que, em uma tradição cartesiana, é um verdadeiro problema. Então, estamos no fazer fazer e estamos também em uma tradição que se opõe à explicação. Aí nós temos um eco a essa recusa da explicação, a não ser que aceitemos a etimologia da explicação, que é buscar as dobras, desfazer as dobras e buscar outras. Sair das dobras. Talvez haja aqui, nas apresentações sobre a narrativa, algo que tem a ver com a densidade. Eu pediria ao Henrique, depois que terminar meu comentário, se ele pode ir até esse ponto da minha interpretação. A narratividade, tal como foi apresentada pelas pessoas que aqui falaram, não somente é densa, mas ela está também à espera de densidade. Ela está aí para suscitar mais densidade. Eu diria que ela é a acolhida do transbordamento. Eu penso nessa história da máquina VAX, que reproduz o organograma da empresa, onde contexto e conteúdo se confundem, e não posso deixar de pensar na Penélope, que de muito longe tece a cartografia da viagem de Ulisses e o faz voltar. Terminei.